

A mediação acontece pelo poeta (...) e os *Lugares Cativos*, ou lugares a que ficou cativo, são janelas diversas abertas pela riqueza de um imaginário tornado escrita versátil, consoante cada um desses lugares-tempos, em consonância com a procura, encontro e desencontro de quem escreve. E ao lugar da escrita, ao poema, fica o leitor cativo pelo eterno teatro de que se reconhece actor, pela cor, pelos aromas, pelos sabores, pela frescura, pelo silêncio, pelo reencontro prometido.

Maria do Céu Fialho

Fluir Perene
www.fluirperene.com

Colaboração



Associação Portuguesa de
Estudos Clássicos (APEC)



CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Os LUGARES CATIVOS



Os Lugares Cativos

Colecção
Fluir Perene

JOSÉ JORGE LETRIA

PREFÁCIO
MARIA DO CÉU FIALHO



Autor de uma vasta e diversificada obra para a infância e a juventude, ficcionista – a escrever frequentemente na fronteira arriscada entre a poesia e a prosa –, dramaturgo, numa palavra, autor de muitas escritas (incluindo a jornalística), José Jorge Letria é sobretudo um poeta em desacerto com o tempo que lhe coube, mas não em desacerto com o tempo luminoso da Antiguidade Greco-Romana e com os seus mitos, presença recorrente no seu universo poético.

Teresa Carvalho

José Jorge Letria

OS LUGARES CATIVOS

Prefácio de

MARIA DO CÉU G. Z. FIALHO

Colecção

Fluir Perene - nº 10



AUTOR: José Jorge Letria
TÍTULO: Os Lugares Cativos
EDITOR: José Ribeiro Ferreira
NA CAPA: Vista da Acrópole de Rodes.
EDIÇÃO: 1ª / 2009
DESIGN GRÁFICO: Fluir Perene

IMPRESSÃO:
Simões & Linhares, Lda.
Av. Fernando Namora, n.º 83 - Loja 4
3030-185 Coimbra

PEDIDOS:
Associação Portuguesa de Estudos Clássicos (APEC).
Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra
Tel.: 239 859 981 / Fax: 239 836 733
3000-447 COIMBRA

ISBN: 978-989-96078-1-1
DEPÓSITO LEGAL: 292706/09

ANOTAÇÕES DE UM PERCURSO POR *LUGARES CATIVOS*

Três são os «Lugares Cativos» que marcam a memória poética de José Jorge Letria neste conjunto articulado de palavra-criação: a Grécia, Fez, o Oriente nipónico. Porquê o título *Lugares Cativos*? Porque essa mesma memória os apreende e fixa, num verso, num poema, vinculados a uma vivência poética, a um rasgo do imaginário? Ou, antes, não cobrirá essa forma passiva a inversa, activa, com a qual se articula? O poeta envolve-nos nesse jogo, que é o da nossa relação com os lugares de memória: a eles fica referenciado porque por ela neles se abre, numa complexa e estimulante riqueza, tecida de matrizes, de história dos povos, de rasgos de identidade inquirida, sofrida, descoberta, do indivíduo e da cadeia de tempo que nele se enlaça, tecida com fibras várias, que são as marcas do seu trajecto e dos encontros e desencontros da cultura a que pertence – lugares em que a Natureza fala aos sentidos, rude, intensa, poderosa nas sugestões que desperta, ou serena e apaziguadora. A pertença é, então, mútua, do lugar ao poeta e do poeta ao lugar. A mediação entre os três vértices deste triângulo de espaços-tempos acontece pelo poeta.

«À Luz do Mistério Grego» reúne um conjunto de poemas em que a referência ‘Grécia’ é denominador comum. Mas essa Grécia oferece-se como espaço de leitura de tensões que são as do próprio ‘eu’ poético: as trevas por dentro da luz, de coloração nietzscheana na compreensão da cultura grega, tematizam, simultaneamente, a conflitualidade do poeta, por detrás da fachada das «feras amansadas» das paixões, perdido nos seus medos, a que a imagem do labirinto empresta expressão recorrente. Os medos são os cantos escuros do que de si esqueceu ou não desvenda. O processo de ‘esquecimento’ platónico é

invertido, angustiadamente formulado num verso-máxima: “...o que sei é o que esqueço”¹, na procura de si mesmo, qual “galope circular” que é exercício de despojamento. O verso representa o momento privilegiado em que consegue fixar o que procura, ou o drama da procura mesma, transposta a palavra banal, quando vem de dentro, como um fogo – um fogo transbordante em que o poeta, transbordante de si, na memória-iluminação que o toma, se reconhece como “o Continente incontido”², espriado até às ilhas. Ele é a geografia grega, qual teatro aberto em que as máscaras se jogam.

Despojamento e excesso, procura, encontro e desencontro, marcam a sua relação com esta Grécia que acende os sentidos e a memória que os habita pelo excesso do sol, das cores, das formas, dos perfumes, da terra áspera e das referências culturais de tempos passados nos tempos que são. José Jorge Letria não cai numa evocação romântica da Grécia Antiga que, em última análise, explica a utopia banalizante de um passado malbaratado pelo turismo de massas. Recusa ser “turista em romaria”³. O passado está por dentro do presente, anima-os o mito, ambos se cruzam, nesse labirinto de perplexidades, nem sempre desvendadas. O eterno reside nesse universo em que o tempo consagra o incessante peregrinar do Homem por essa Natureza, rude, agreste, a que pertence e que o desperta, na proximidade estésica. Aí se encontram os “poetas torturados” da tragédia de antanho e os de agora. A busca é a mesma, o momento, condensa-o o verso, tenso, denso, transbordante. E a esse condensar, no verso, do indizível, que é excesso, chama-lhe o poeta ‘tradução’, com toda a angústia e exercício de entrega e despojamento que a tradução exige. Por ela se transfigura o poeta.

«Luas de Fez» evoca, já na epígrafe, a multiplicidade no uno, a brancura serena que invade a noite. O perfume das noites cálidas de

¹ De «A flor incandescente de um verso».

² De «Ilhas no Tumulto da Lembrança».

³ De «Peixe, Gaiyota ou Lua».

luar. Esse outro vértice do triângulo identitário que, a partir da memória do poeta, abre traços esquecidos de uma face trágica e silenciada da nossa presença passada. Fez é a partida e a descoberta, num outro espaço, do que connosco parte, do que de nós se projecta como alteridade e se reencontra, como um dos traços de um complexo mundo de encontros que vem do fundo do tempo. Fez é andaluza, descobre o poeta – outro modo de reconhecer também que a Andaluzia é árabe. Lorca as une, reconhece o poeta no bellissimo poema «Imitando a Granada de Lorca», une-as a antiga e nobre sabedoria de um passado árabe («Perseguindo Avicena»), cuja epifania está iminente em cada espaço - passado que construiu também o que, ocidentalmente somos. Fez é espaço de convergência e passagem de povos antiquíssimos («Há Cidades Assim»). Nos seus silêncios e nos seus bulícios, na luz branca do dia, no luar que a invade, fala dos nossos cativos. A descoberta estonteante de um mundo novo e, simultaneamente, pressentido porque nos corre no sangue, opera-se também nessa estesia de cores, de sabores exóticos, no «dédalo de cheiros» - de novo o labirinto, caminho em que o poeta se perde e se encontra. Mas ouçamo-lo em «Com a Escrita de Amin Malouf»:

...

O que encontro eu em Fez
que não encontre nas cidades imaginárias
que há no mapa dos meus versos
assombrados pela sede do longe
embriagados pelo mistério da fala?
Encontro a parte que me falta
Na história do que sou e do que fui,
cruzado trazido ao engano
nas naus de perdição do deserto,
soldado da miragem da sede
conquistando baluartes inúteis.

É visível que a voz lírica que fala é um povo e a sua história, por um processo de sinédoque, mas esse povo e essa história são, simultaneamente, metáfora da mesma e eterna busca individual que anima o ciclo anterior de poemas: a escrita-percurso segue as pistas estésicas, a “sensibilidade tátil” («Revelação da Eternidade»), as memórias, conduzida, agora não por Ariadne mas “talvez “ por “um poeta antigo/ das terras onde fui criança”.

O mistério persiste, a tentação de o cristalizar na impressão de instantes mais vívidos representa a ilusão falaz de uma turística fotografia de duplicação mentirosa (de novo a desconstrução do ‘turismo de superfície’).

Fez desconstrói e denuncia preconceitos lançados sobre uma alteridade que poderia ter sido lição da nossa generosidade – e que esquecemos: a partilha aberta da elegante hospitalidade, tecedora de “um pacto de afecto”¹:

A minha casa é a tua casa,
a minha mesa a tua mesa.
E passámos nós séculos
a chamar infieis a quem
apenas cometeu o pecado
de se manter fiel à paixão da dádiva.

Aí onde, numa realidade que não foi, que não é utópica, judeu e árabe coabitam, varridos para sul por guerras e preconceitos, e amam e vivem, envoltos no mesmo perfume dos laranjais que desconhecemos. A fórmula de um justo equilíbrio com a vida encontra-a o poeta na natural dinâmica do mercado das ruas da cidade: “Aceita metade do preço pedido/ e talvez consigas um preço justo”². É preciso jogar, saber encontrar o momento, o instante em que a vida se abre e se deixa captar na riqueza que oferece, nos mistérios que desvenda, nos aromas

¹ De «Entro Nas Casas, Sou Das Casas».

² De «A Água da Miragem dos Olhos».

e sabores que dos seus frutos se desprendem. O Jogo de Xadrez contraria o do alheamento dos jogadores de Pessoa: é um jogo de procura e aproximação, de suprema concentração sobre o tabuleiro do tempo e da vida, em que, cada peça movida, abre, progressivamente, para uma sabedoria maior, transpostos os umbrais de um tempo limitado. Fez revela-se, então, como um espaço-tempo de unidade, em que o que se recorda desperta para uma antiga sabedoria do que fomos ou não chegámos a ser, do que o poeta foi ou não chegou a ser, ou se sonhou, num rasgo de “plenitude e assombro”. Daí, a promessa de voltar a essa Fez.

O terceiro lugar, no oriente longínquo, apresenta sumariadas as vivências poéticas na epígrafe «O Rosto Branco de Atami». A brancura anunciada é diversa da brancura crua das fachadas gregas ou da brancura persistente de Fez, exposta ao luar. É a neve que cai sobre os templos budistas, envolvendo-os no silêncio sagrado que eleva e apazigua - diversamente de em Fez, “Aqui nada se regateia ou se recusa”¹ -, ou a neve das alturas do Monte Fuji. A pureza da água, a frescura do degelo, que anuncia o renascer da vida, envolvem o poeta num ciclo de serena perpetuidade: não são já as cores vivas e a natureza quase cáustica, na sua sensualidade, como na Grécia, e, também, em Fez, mas a doçura da cor das cerejeiras em flor, o “fumo do entardecer” “numa serpentina de luz”, a minuciosa representação do rouxinol e da paisagem no biombo, quase naturais, que imperam e dão o tom a uma sabedoria que se eleva, encontrado, finalmente, o segredo de um eterno equilíbrio: o da sabedoria Zen. A arte oriental contém os princípios e a filosofia desse saber. Por isso, as equivalências são possíveis e a tradução é um princípio natural de quem olha o universo e as entende («O Tradutor e a Cerejeira»). A cânfora representa aí o princípio da incorruptibilidade.

Ainda assim, se não há dédalos a percorrer neste último lugar, o rasto de antigas memórias nossas é palpável, no coro dos meninos,

¹ De «Taça De Saké, Revérbero De Lua».

no crepúsculo de Atami, na magia de uma palavra reconhecida, de antigas memórias portuguesas. Mas tal como na luz da Grécia se deixa adivinhar a sombra oculta, também na serenidade e silêncio, na sabedoria oriental que roça o mistério da eternidade, a eterna tensão se desvenda – aquela tensão que faz o homem, que o acompanha, da Grécia a Fez, de Fez a Atami, do fundo dos séculos à escrita do poeta. No final do último ciclo, no termo de *Lugares Cativos*, o teatro Nô denuncia o conflito e procura de respostas do homem polifacetado ou dilacerado, em busca de si, em busca da unidade e de uma resposta em que se capte, todo, para além dos seus medos. Por isso, um ‘Leitmotiv’ ressurgue, da Grécia e de Fez: o da máscara, da dualidade, e do espaço exterior-interior onde as máscaras actuam: “sou o teatro dilacerante”¹.

Ulisses tem ainda muito que contar, Fez abre-se, na memória, a um novo regresso prometido, em busca dos afectos e sabores que despertam e acalentam o poeta. Atami, finalmente, com o seu rosto branco de neve e de máscara, esperará pelo poeta, numa nova primavera, um tempo de ressurgimento sereno e suave, como a paisagem das cerejeiras em flor onde, finalmente, será arredada a máscara, no que significa de duplicação, para um outro palco: o da entrega e despojamento.

A mediação acontece pelo poeta, dizia no início destas palavras, e os *Lugares Cativos*, ou lugares a que ficou cativo, são janelas diversas abertas pela riqueza de um imaginário tornado escrita versátil, consoante cada um desses lugares-tempos, em consonância com a procura, encontro e desencontro de quem escreve. E ao lugar da escrita, ao poema, fica o leitor cativo pelo eterno teatro de que se reconhece actor, pela cor, pelos aromas, pelos sabores, pela frescura, pelo silêncio, pelo reencontro prometido.

Maria do Céu Fialho

¹ De «Sempre O Fascínio Da Máscara».

OS LUGARES CATIVOS

*À Teresa Carvalho, por ter achado que estes três
ciclos de poemas deviam ter lugar cativo neste livro.*

À LUZ DO MISTÉRIO GREGO

*Viajo não para ir a um lugar, mas
somente para ir. O que é verdadeiramente
importante é estar em movimento.*

Robert Louis Stevenson

A SOMBRA ATRÁS DA LUZ

Renunciava. As ondas repetiam comigo
as sílabas feridas pelo sal,
as palavras inebriadas pela brisa,
e havia uma ilha atrás da voz
e uma sombra atrás da luz,
e nós que fazíamos? Perdíamos-nos
em inúteis jogos malabares,
minúsculas feras amansadas
pelo sortilégio branco das manhãs.
A escrita evitava-me como se evita
a pavorosa doença dos frutos
que envenenam o júbilo de maio.
No dédalo dos meus medos
havia sempre um cavalo adestrado
para me levar para além dos muros,
até ao mais puro coração do pranto.
E eu só não chorava por ter vergonha
da verdade dos espelhos e dos retratos.

O PEQUENO LUME DA PAIXÃO

Há muito que a paixão se foi, esquiva,
e levou com ela os brinquedos do riso,
as colheres de prata da fortuna,
os guizos, os cristais e os adornos,
a felicidade adocicada dos livros,
a altivez do corpo sobre a púrpura da tarde.
Quase nada ficou. Um fio de espuma,
o rumor de uma queixa, apenas,
a marca de um beijo na pele do ventre.
Quase nada, quase tudo.
E os deuses terrenos dos quintais
do assombro das noites
teimavam em velar por nós
enquanto o desejo se esvaía
e a carne mirrava e o músculo desistia
de ser adaga e fronteira, arco tenso.
Ficaram as pétalas e as páginas,
a volúpia entardecida de um afago.
De repente todas as luzes se apagaram
e com elas o pequeno lume da paixão.

A FLOR INCANDESCENTE DE UM VERSO

Fechei todas as portas e sequei as fontes,
calcinei na terra as últimas raízes
da árvore da fala, fendi-lhe o tronco.
Anda a morrer comigo, em mim
a flor incandescente de um verso
que se recusa a enfrentar o dia,
a sorver a luz morna das taças
em que se bebe a liquidez do sono.
Fecho-me nos quartos com a chave
minuciosa da aprendizagem dos medos,
e o que sei é o que esqueço
e o que ama é o que temo.
O que ando eu a fazer, afinal,
no galope circular destes cadernos
em que me desvendo como uma chaga
com o pudor dos meninos
ante a nudez das pedras, das dunas
onde os amantes morrem de prazer?
Cada resposta antecipa o fim.

ILHAS NO TUMULTO DA LEMBRANÇA

Aqui começou o grande teatro
da imaginação do homem. Nestas ilhas,
entre as abelhas e as rosas,
entre o pólen e o mito. De repente.
Eu sou o Continente incontido
que se derrama nas águas
como um estilhaço de lua,
como um óleo de lucerna
a querer iluminar a noite dos mortos.
E as ilhas sentam-se em redor
e são mulheres atónitas, guerreiros
sem pátria nem alma, espectros,
exaltação do vazio na campânula dos mares.
Como eu te lembro aqui, pai,
nesta febre tão serena do azul,
nesta doença tão letal da razão
que me faz ver deuses, tantos deuses,
onde só as silhuetas se mantêm hirtas.
Eu acrescento ilhas ao tumulto da lembrança.

JÁ NÃO SÃO OS BARCOS QUE PARTEM

Agora já não são os barcos que partem,
sou eu que me afasto deles
enredado nas lembranças e nas mágoas.
Lembra-te de mim quieto, assim,
junto à muralha, admirando
a paciência dos pescadores
e a geometria do voo das gaivotas.
Leva-me pela mão até ao areal
e deixa-me brincar com a sombra
das traineiras apodrecidas pelo sal.
Não sou marinheiro em terra,
nem camponês de luas. Nunca fui.
Limitei-me a navegar à proa dos sons,
com ardil de vento colado aos lábios.
Agora faço as malas e parto.
Nunca nada foi simples para mim,
nem sequer a vida. Emerge da espuma
uma sinfonia de algas e cavalos marinhos.
Eu fico à deriva com os corais da noite.

DAS SUAS BOCAS NASCE UM TEATRO

Estas mulheres têm olhos de ágata
e dedos de entrançar cabelos.
Imagino que sejam exímias
no jeito de embalar os naufragos,
meninos perdidos no mar do sono.
Falam uma língua cantante e sibilina
que vem do magma dos tempos,
do primordial casulo das vozes,
da caverna imensa dos mistérios.
Não estão aqui para se deixarem amar.
São do mundo e têm asas,
mantos de linho e coroas de pétalas,
um hálito de pólen
que inebria os forasteiros. Juntas
fazem o coro da adivinhação dos céus.
Olham-me para as mãos
e tecem conjecturas e presságios.
Das suas bocas nasce um teatro
que sobe com a maré até ao patamar
dos meus pressentimentos mais antigos.

ALGURES NO EGEU

Estas ruas cheiram a ervas queimadas,
a rituais e a oferendas. A mistério.
Passam as raparigas e os soldados,
os homens curvados sobre o quadro
das bicicletas, os namorados.
Os que só têm tempo para ter tempo
comem gelados nas esplanadas.
Este ano o Verão chegou na Primavera
e trouxe pequenos pássaros
salpicados de terra e de lodo.
Não avisou que vinha. Os artesãos,
nas ruas que dão para o cais,
vendem colares e pulseiras,
a prata verdadeira e o ouro fingido.
Regateiam os preços com quem brinca.
Eu não sei jogar nada,
entro no jogo e trago ao peito
a gargantilha de mil voltas
que de súbito me confisca o ar.

CAPÍTULO SEM NOME

Ando a tactear as sílabas
para encontrar o modo de dizer:
uma carta não basta
para te dar conta da distância
que separa duas almas magoadas.
Da minha tristeza sabes quase tudo:
o sobressalto, a fadiga, o medo,
e é tão pouco, e é tão vago.
Deixei os animais em casa
à minha espera, rente à porta,
com o cheiro da roupa nas narinas,
fiéis como guardas pretorianos
da minha reiterada ausência.
Uma palavra basta para que saibas:
acabou, nada mais resta.
Cai o pano e adiam-se as lágrimas
para um capítulo sem nome. Perdoa.

PARA QUE EU POSSA QUERER

Amanhã iremos ver os ícones,
o trabalho dos ourives, as inscrições
na pedra exausta dos milénios.
Iremos pelo nosso pé como os peregrinos
até onde o coro exalta
a gloriosa morte dos heróis,
até onde esta gente do mar
lê nas conchas e nos búzios
a tragédia dos poetas torturados.
As cabras dominam as montanhas
onde os escritores escreveram o exílio
com tinta de sangue cheirando a mirto,
a urze, a alfazema. Boquiabertos,
os peixes são como nós: saltam da água
para a armadilha das redes, e não voltam.
Hei-de encontrar um santuário, algures,
no meio das oliveiras, para que a prece
seja óbolo e semente e eu possa crer
nem que seja no fingimento dos deuses.

COMO SE UMA COLCHA DE LUA

Nas casas tudo é branco, até o silêncio,
até a alegria dos pássaros quando cantam.
As casas tornam-se possessivas e ardentes,
mas o branco nunca deixa de ser branco.
Acentua-se na claridade da cal,
fortalece-se na vizinhança da luz.
As mulheres trazem os cântaros
cheios de água das fontes distantes
e inscrevem no branco os seus temores,
as marcas dos dedos, o amor dos sentidos.
É como se uma colcha de lua
cobrisse o sono dos inocentes
e o orvalho semeasse nas pétalas
as pedras raras da colheita da aurora.
Nem o mar, com o seu ímpeto
de cavalo de espuma, acrescenta azul
ao branco da quimera dos dias.

O QUE TRADUZ, TRADUZ-SE

O que traduz, traduz-se, empresta-se,
em dádiva de som, à voz de outra escrita,
ao coração de outra fala, escrevendo.
Faz seu o texto, faz sua a alma
no palco de um outro dizer,
no sabor de uma outra língua.
Possui o que não é apropriável,
o que já tem dono, o que é imperecível,
e no entanto sente-se bem nessa pele
enganadora e frágil. Relendo-se,
sente mais sua a carne dessa voz
que vem de longe, que mora perto.
Entra no livro com vagar de artífice
e reescreve a vida que o habita.
Perde-se nele, renasce nele.
Um poeta antigo senta-se à sua mesa
e fala com ele de coisas banais.
Partilham a água, o vinho, o verso.
Geminam-se na eternidade do que dizem.

AMANHÃ SERÁ OUTRO DIA

O círculo, o rectângulo, o nada:
cada forma é uma prisão,
cada lugar é um abismo.
Os dias multiplicam a dor dos dias,
acrescentam-lhes alvoroço ou tédio,
e são sempre os mesmos dias, eternos,
os que semeiam inquietude e espanto.
Dilatam-se nos calendários até explodirem,
até que nada reste, até que tudo
se dê por fim como perdido, por ser finito.
Chegam então as personagens nocturnas,
vociferantes e graves, e tomam de assalto
a fortaleza luminosa dos dias,
envolvendo-a em escuridão e névoa.
Eu abro a última gaveta, a dos pássaros,
a dos segredos alados da infância,
e desenho um planeta e uma guitarra,
uma corola com perfume de sândalo.
Amanhã será outro dia, comigo dentro,
na viagem imemorial dos meninos tristes.

AS QUATRO CASAS DA LUA NOVA

Nas quatro casas da lua nova
galopam cavalos de lua,
tão velozes como flechas de vento,
tão indomáveis como espadas de lume.
Do apocalipse nada sabem,
da morte e do seu mistério ainda menos.
Percorrem as veredas da loucura
com as patas esmagando a erva,
com os dentes rasgando a brisa.
Trazem no dorso bagagem de terra,
archotes acesos contra o medo da noite,
cavaleiros evadidos das pelejas sem data,
crianças ardendo com a febre no rosto.
Vêm das aldeias vazias de gente
e relinham com sede de orvalho.
No rasto que deixam há destinos marcados,
nas clareiras abertas incêndios fatais.
Nas quatro casas da lua nova
escrevo o meu nome em flores torturadas.

NO REGAÇO DE UMA FRASE

Gravito em redor das metáforas,
que são sábias e ousadas
como meninos desafiando a regra.
Sou o limão dos azedumes da aurora,
sou a dor da desmesura do ventre,
sou a adaga dos amores imperfeitos.
Não digo nada, dizendo tudo. Ilusão.
Desoculto-me e apago-me, desapareço
nas cinzas do fogo que fui, que fiz,
ateado em redor das palavras
com a minúcia inebriante dos calígrafos.
A poesia já não mora aqui. Acabou-se.
Deixou uma mensagem e partiu
para a morada sufocante de outra voz,
para a casa inusitada de outro texto.
Com uma grinalda de metáforas
é que eu quero sair à rua,
tomar de assalto o livro e a língua
e depois adormecer no regaço de uma frase.

SOBRE UM TÚMULO MACEDÓNIO

Tapavam a boca dos mortos
com uma mordaga de ouro fino
para que a alma se não evadisse,
mas também havia quem dissesse
que era para não poderem contar
as misérias desta vida, tantas,
no reino que, generoso, os acolhia.
O certo é que recebiam oferendas,
que levavam na cabeça uma coroa de mirto
e no corpo a túnica solene dos maiores dias.
O certo é que adormeciam devagar
sob a copa das árvores mediterrânicas
e só despertavam quando a lua
vinha pé ante pé, noite após noite,
perguntar-lhes o nome da terra amada
para poder iluminá-la com ternura
na grande arena da lua cheia.

MENSAGEM PARA ARIADNE

Deixa, Ariadne, que eu siga na treva
o fio salvador que tu me lanças
para que o labirinto me não consuma.
Eu vou por onde tu quiseres que eu vá,
menino obediente e sagaz
com medo da fúria dos touros
e da violência luminosa das tempestades.
Perdi-me onde me quis perder, é certo,
com a imprudência dos insectos
caindo na armadilha de uma teia,
mas agora resgato-me, ávido,
seguindo o rumo que tu traças
no labirinto ofuscante do que não sei.
Podia dar-te outro nome, o da paixão
que já não sou capaz de ter,
mas chamo-te Ariadne, e vejo o teu rosto
na pintura de um prato grego.
E és sempre igual à primeira mulher
que amei. A última de que me lembro.

QUANDO ME COMOVO E O CONFESSO

Comovo-me com as pequenas coisas:
o cativo de pássaros numa gaiola de rua,
o cheiro forte do café numa esplanada
que me recorda Espanha e o meu pai,
um pequeno vaso de alabastro
para as viúvas guardarem as lágrimas,
a bondade de um santo arcaico
na imaginação das mulheres orando,
um cão agonizando no leito
da sua própria sombra circular.
Não quero abdicar desta comoção,
porque é ela que tange a corda oculta
que me mantém suspenso sobre o abismo.
Os livros só servem para o fingimento
com o seu tumulto de palavras
que se erguem insones no vazio dos quartos.
E contudo continuo a escrevê-los
para que uma voz abafe a minha
quando me comovo e o confesso.

CONFUNDO-ME COM OS MEMORIAIS

Subo ao monte onde estão as capelas,
os pastores e os mistérios das divindades.
Deixei de ser crente, há muito,
só para não ter o dever de acreditar
nem sequer na mortalidade do que digo,
deixei de crer só para não ficar cativo
de uma dádiva, de uma esperança, de uma palavra.
Mas quando subo ao monte, assim,
e a claridade se mistura com o azul
e a alma é um dédalo de assombros
e as pernas se movem, vagarosas,
sob o impulso de um desejo eriçado e suplicante,
então acredito. Mas em quê?
Em ínfimas e indizíveis coisas.
Transfiguro-me: sou eu e já não sou,
sou deste e de outro tempo, tão remoto.
Confundo-me com os memoriais,
com os povos do sacrifício e do êxtase,
com os que ergueram na erva templos de sol.

COMO OS AMANTES, NOS RETRATOS

Viajar é esquecer, é estar e deixar de estar,
é largar a pele no sítio do prodígio,
é gravar o nome nas pedras impossíveis,
é voar mais alto que a razão dos homens.
Apanha-se um barco num pequeno porto
e toma-se de assalto uma ilha vaga,
uma enseada com flores e rochas.
Pisa-se a areia como quem ergue um estandarte:
estamos aqui, logo pertencemos a este lugar.
Mas tudo é tão efémero, tão fugaz.
Valemos tão pouco nos lugares onde estamos.
Ninguém nos conhece, ninguém nos ama,
ninguém nos lembrará. Por isso, sôfregos,
fotografamos tudo e todos, mundo a tiracolo
para mostrar aos outros, para nos
recordarmos de nós, algures nesse dia.
Os lugares ficam e nós passamos.
Só os lembramos pela felicidade ou pela dor,
como os amantes nos retratos
que um dia o desdém lança ao lume.

ONDE ANTES HOUVE DEUSES

Hotel Elektra na Rua Hermes.
O tempo está enevoado para as bandas do Olimpo.
Ninguém pede esmola, nem sequer
na esquina onde uma estatueta de Príapo
lembra o desejo sob as oliveiras.
As mulheres são altas e belas, esquivas,
imitando o fulgor das ancestrais
passeando nas praças onde só os homens
tinham o direito de decidir.
Estas votam, guiam, embebedam-se
e amam jovens ruidosos e tatuados.
Eu fico numa esplanada, quieto,
a assistir ao tumulto do mundo
no fundo de um copo de vinho branco.
Hotel Elektra na Rua Hermes.
Só falta que amanhã seja Édipo
a trazer-me o pequeno almoço ao quarto.

O VOLÁTIL INSTANTE DE ALEGRIA

De um pátio iluminado, nocturno
chega-me o som da voz de Callas,
grega das tragédias da alma,
enquanto as crianças dançam
sobre um palco improvisado e festivo.
Não sei o que dizem, não sei o que cantam.
Sei apenas que estão felizes
e que a felicidade é um logro da razão,
porque outra coisa não existe
a não ser o volátil instante de alegria
que nos dá a ilusão de ser eterno
enquanto rimos, enquanto bebemos,
enquanto ficamos reféns da sensação
de que o tempo pára para nos ver felizes.

É O DESTINO

Guardo no bolso o que resta dos mitos:
um livro, uma gravura, o nome
de um complexo para psiquiatra analisar.
Os mitos não existem, nem os deuses,
nem a máquina de domesticar o tempo.
Nem nós existimos, afinal. Que fique claro.
O que existe é a sombra do que somos,
alongando-se nas calçadas, trémula,
no silêncio nocturno das ilhas,
no corpo das mulheres inomináveis.
Somos vítimas e reféns
desta tentacular razão apaixonada
que entre o ontem e o amanhã
nos mantém prisioneiros
da fatal sequência dos dias.
É sempre para o fim que se caminha
e nem um relógio lançado à água
imobiliza o tempo no ciclo infinito
das ondas e das marés. É o destino.

PEIXE, GAIVOTA OU LUA

Não procuro os livros, persigo-os,
detecto-lhes o rasto nas bancas,
nos cestos junto às esplanadas.
Estão escritos numa língua indecifrável,
a língua primordial dos poetas,
dos cegos e dos que viam muito para além
da errónea nitidez do céu iluminado.
Não é a língua que me interessa,
é o corpo denso das palavras
escritas num alfabeto inatingível.
De repente, uma antologia de Seferis
em inglês, no meio de outros livros.
Sento-me à beira da água
e não quero ler. Não vale a pena.
É o instante da descoberta que dá
a plenitude que as palavras não dizem.
Eu podia ser peixe, gaivota ou lua,
tudo menos turista em romaria.
Quem pode imaginar-me a escrever
rima assim, ao pé do que é eterno?

A CONFRARIA CIRCULAR DOS ESCREVEDORES

Transformar a linfa em sangue
e o silêncio em grito, eis o que falta
a muito do que andamos a escrever.
E também lhe falta a praça,
o odor a corpo, a festa, a veia rasgada
de um desespero abocanhando a alma.
Falta-nos tanta coisa, até o ar
que, minguado, faz amarelecer o verso
e definhar o engenho que efabula.
Andamos a empalidecer no que dizemos,
velhas de voz enrugada a tricotar
enredos nos pequenos livros do abandono,
da miséria dos sentimentos adiados.
Só falamos uns dos outros, e mal,
na confraria circular dos escrevedores.
Tudo para podermos esquecer
que o tempo, com os seus ardis e falácias,
desconta os dias que faltam para a morte.
Um poeta cego sobe ao palco decidido,
e anuncia que Ulisses traz muito que contar.

LUAS DE FEZ

*O maior viajante é sempre
aquele que conseguiu dar uma
volta a si mesmo.*

Confúcio

O CHAMAMENTO DA LUA

Acorda, que a lua foi-se embora
e já há uma voz que chama
para o recolhimento da oração
enquanto os meninos enchem a rua com a festa
dos olhos incendiados de riso,
das bocas atónitas de espanto.

Acorda, que esta cidade
é já outro mundo
tão longínquo e tão próximo
que te parece ouvir as palavras
de Avicena ou de Averróis
subindo da mesquita verde
até ao céu, mensageiras brancas
de uma sabedoria que semeou
no chão movediço dos séculos
os frutos únicos do assombro do homem
perfilado ante o silêncio de Deus.

OS BURRINHOS DA MEDINA

Sobem e descem os burrinhos
da Medina da cidade velha
vergados pela carga
que apoquentam a burrice dos homens,
que entrem o tédio das crianças,
e não há quem reze por eles,
em acto de piedade franciscana,
vendo-os assim alquebrados,
dorso arqueado pelo peso
das bilhas de gás, dos cântaros de água,
dos estrados da quietude dos mortos.

Partilham a pobreza dos homens
com uma paciência que roça a santidade,
e ao vê-los nesse vaivém de tristeza,
vejo Sísifo subindo e descendo
até perceber que a vida
é uma fatalidade que os livros
dos sábios querem transformar em milagre.

O SABOR DOS PRATOS NOCTURNOS

Sentamo-nos numa loja
de peles curtidas pela arte e pelo tempo
e bebemos chá de hortelã,
açucarado e forte, sem pressa,
deixando escapar os minutos
na clepsidra da impaciência dos dias.
Descobrimo-nos quando partimos
à descoberta dos outros, ávidos de luz,
vencendo distâncias e línguas,
e o que encontramos
é sempre um olhar que se perde
no nosso, sem uma queixa,
sem o fel do ressentimento, sem nada.
Há uma fala estranha
a nomear a morte e a vida,
a desenhar constelações no firmamento,
e o que ela diz tem o travo
adocicado dos pratos nocturnos,
mil e um sabores em que a boca
se perde para de novo se encontrar.

A LUA BERBERE DE FEZ

Fez tem uma lua berbere
desenhada nos seus panos
de servir os vivos e enterrar os mortos.
É uma cidade mais sábia
que guerreira. É um cofre e um poço,
é o lugar mais fundo e vivido
da ciência do homem. É o mundo.
E chegam Avicena e Leão, o Africano,
Paul Bowles e mil e um turistas,
e tudo se mistura e confunde
no mapa dos cartógrafos da alma.
De um lado, as mulheres de rosto oculto
pelo véu dos mistérios de Deus;
do outro lado, os tintureiros de peles,
os perfumistas e os cinzeladores.
A Medina tem a idade dos livros
que dormem no esquecimento dos séculos.
É labirinto e Babel, e eu
que sou das areias e dos oceanos
irmão das tempestades e das batalhas,
fotografo, só para me duplicar,
o meu rosto estrangeiro
num espelho de mentir aos califas.

A TEIA ANDALUZA DE FEZ

A cidade desperta com preces,
endireita-se, perfila-se, depois
ajoelha-se e curva-se para rezar.
Não tem pressa. Nunca a teve.
Tem muralhas erguidas pelos cativos
do império português, tem cicatrizes
de batalhas que ninguém ganhou,
tem lojas de judeus entreabertas
ao crepúsculo, tem loucos na errância
das ruas que se perdem noutras ruas.

Tudo na velha Fez
leva a toda a parte e a parte nenhuma
porque a cidade pertence a um tempo
que se conjuga fora do tempo.
Há o palácio, o hospital, os cemitérios,
há a teia andaluza, espanhola e lusa,
de todas as memórias que vida tatuou
na pele do homem sem rosto.
Fez adormece quando a lua nasce,
mas fica de atalaia nas ameias,
nos jardins, nos minaretes,
não vá a história esquecer-se de a contar
como as cidades rainhas querem e sabem.

IMITANDO A GRANADA DE LORCA

Fez invade os pátios
da luz azul, verde e ocre dos azulejos
para ver chegar a Primavera,
para lhe servir chá de hortelã
no copo de prata do júbilo dos amantes.
A Primavera chega sem aviso,
como uma princesa rebelde,
precedida pelo fugaz chilreio dos pássaros
e enfeita-se com o perfume
das rosas e dos laranjais,
com o lume do olhar das raparigas.
Nunca vem para ficar, tal como o amor.

[Vem e vai, esquiva.

Parte afogueada pelo braseiro de Agosto
imitando a Granada de Lorca
até no modo de dizer adeus.
É uma cidade que fingiu ser branca
e que passeou nas avenidas
as modas de Paris camufladas de areia.
Hoje, enche os pátios da noite
com a melopeia andaluza
que a nostalgia costuma pôr na boca
de quem, sem o querer, se fez eterno.

SOBRE OS GATOS DE FEZ

Os gatos de Fez são gatos
iguais aos outros gatos. Há-os de todas
as cores: cinzentos, pretos e brancos,
negros de superstição, amarelos enfim.
O afecto dos homens tornou-os pacientes
e mansos, mas sempre vigilantes
como mandam os livros que falam de gatos.
Não são gordos como os gatos de Veneza,
nem pachorrentos como os gatos de Granada.
São gatos amamentados
pelo peito morno e farto do afecto.
São gatos sem pressa, desviando-se da gente,
do passo apressado dos burros e das mulas.
Olham-nos nos olhos, bem no fundo,
como só os gatos sabem olhar: inquirindo.
Aqui não há, nunca houve,
labaredas para os imolar.
São filhos de Deus como todos os outros
e quando a noite desce sobre Fez
erram pelas açoteias, à vez,
perguntando à lua se é peixe
ou se é pássaro o bicho sem nome
que cresce na sombra
para entrar, pé ante pé, no sono dos meninos.

PERSEGUINDO AVICENA

Há um alemão de olhos de cinza
que estuda Avicena num texto raro,
num árabe mais antigo
que o dos árabes de Marrocos do hoje.
Eu acho que ele não estuda Avicena,
nem IBN Kald-hun. Fala com eles.
Conversam pelos cantos, pausadamente
como velhos cúmplices à hora do chá
e até as trivialidades que dizem
merecem figurar nos tratados.
O que leva um alemão
a perder-se no sul, até ao esquecimento
perseguindo Avicena e outros antigos
com a paciência quase beata
de um caçador de luz dentro das palavras?
Quem é aquele senhor pálido
que sai de dentro dos livros
como o génio da lâmpada das lendas?
É um filósofo antigo, ancestral,
que chega pontual para nos perguntar
o que sabemos nós do homem, dos homens,
que ele não soubesse já?

OS DIAS DE FEZ

Os amigos cumprimentam-se
beijando-se nas faces, as raparigas
sorriem com a cabeça coberta,
os homens de meia idade
ainda se lembram do ano
em que os franceses partiram.
Os mais radicais manifestam-se nas ruas.
Acreditam que uma guerra santa
pode salvar o mundo da perdição.
Os cães remexem nos restos de comida.
Um velho de traços berberes
estende a esteira, vira o rosto parado
e reza uma das cinco preces do dia
para dar sentido ao seu lugar
nesta terra que pode, afinal, ser de todos.
Os judeus, nas suas lojas típicas,
não aceitam baixar o preço do ouro e da prata.
Na televisão, uma telenovela egípcia
mantém suspensa a respiração
das mulheres de idade e das noivas tristes.
Os homens podem ter até quatro mulheres
mas muitos preferem só uma porque sai
[mais barato.
Um cinzelador desenha a mão de Fátima
filha do profeta, num rectângulo de cobre.
[É assim em Fez!

A ÁGUA DA MIRAGEM DOS OLHOS

Todos os dias, em todas as ruas
repete-se o ritual vociferante do regateio.
Aceita metade do preço pedido
e talvez consigas um preço justo.
Não digas que não te avisei. Tudo tem
as suas regras, a sua lógica,
e não ouses desrespeitá-las.
Não regatear é não entrar no jogo.
É preciso jogar com o alvorecer,
com a hora em que os mercadores
precisam de fazer negócio
para começarem bem o dia. Aproveita.
É uma superstição que joga
a favor de quem compra. Vai depressa,
joga forte, nunca cedas, e sobretudo
nunca mostres que tens o dinheiro
que te pedem logo no primeiro lance.
Regateia, regateia sempre,
em Fez, em Marrakech, em Tunes,
no Cairo, com todos os árabes.
E sobretudo regateia com a vida,
para que não seja ela, nunca,
a impor-te o preço de a viveres.
Persevera e vencerás, como os guerreiros
[berberes
ludibriando a sede com a água da
[miragem dos olhos.

DÉDALO DE CHEIROS

Fez é um dédalo de cheiros
e tem terraços altos de onde se enxergam
os tanques dos tintureiros de peles.
O cheiro é fétido, mas a vista é soberba.
O que é branco torna-se azul ou verde.
Tudo muda de cor, até a pele dos homens.
Fez cheira a hortelã, a urina
nas ruas de Medina, a água de rosas,
a absinto, a especiarias, a passado.
Cheira também a laranjas e outras frutas
dos pomares andaluzes da Espanha distante.
Há uma porta onde se diz, está escrito,
que foi pendurado o pobre infante Fernando
[cativo,
abandonado por tudo e por todos.
Há noites em que ainda se ouve
o grito abafado do seu desespero
soletrado em português contra os infieis.
Também nós já morremos nestas praças
que foram a primeira das miragens
e o mais violento dos desaires.
Os cativos das cinco quinas
conviveram com o cheiro fétido das noites
enquanto a pátria projectava viagens
onde já não havia lugar para eles.

COMO NOS LIVROS E NAS GUERRAS

Se eu pudesse, se eu soubesse
fotografava o tempo
só para não o deixar evadir-se,
areia finíssima, fio de água,
entre as grades dos meus dedos.
E o tempo em Fez
é esquisito e volátil
como uma sombra
ou uma gota morna de chuva.
É um tempo adocicado
pelos odores da comida nas ruas,
dos doces sob os alpendres.
É um tempo vivo, mas aquietado
nos lugares onde os homens
cavalgaram à margem do tempo
só para não terem que morrer
de solidão e esquecimento
como se morre nos livros e nas guerras.

O JUDEU E O ÁRABE

Aqui comem e trabalham
o judeu e o árabe, quase irmãos,
sem que o nome de Deus
e os dos seus profetas
torne beligerante a partilha dos dias.
Todos tiveram de fugir um dia,
de Espanha e de Portugal,
sempre para o sul.
Podiam ter escolhido Esmirna,
Istambul, Amsterdão,
mas não, refizeram em Fez
o seu destino, a sua casa,
a sua língua amenizada
pelo vento perfumado dos laranjais.
E esse vento traz na boca
o encantamento das lendas
para dizer que o judeu e o árabe
também podem morrer de amor
quando o tempo une os corações
como dois frutos sobre uma mesa
posta para receber quem vem por bem.

HÁ CIDADES ASSIM

Há cidades assim, sempre houve,
amálgamas de odor e luz
derramando-se nos olhos e nos versos,
nas fotografias a preto e branco
da sofreguidão de quem persegue instantes.
Tudo começa na história,
com a história, e nela se perde.
Chegam as gentes do sul,
empurradas pela inclemência do deserto
e as do norte pelo destino das pátrias,
e fazem das cidades
a mesa de todos os encontros,
mesmo dos que a razão proíbe.
Vêm comigo os poetas árabes andaluzes,
Almutamid e os outros,
califas, sultões e príncipes,
guerreiros, cortesãos e caçadores,
matemáticos, cartógrafos
e campeões da intriga de corte.
Chamam-me para as suas mesas
e riem e bebem comigo.
Falaremos sempre a mesma língua,
que é a do vento varrendo ódios
da boca dos homens para muito longe.

A ALMA DAS GAZELAS

A montanha, à distância,
é o lugar de paz, é o templo
que outros deuses mandaram erigir.
É uma montanha, irmanada
com o destino dos homens
na planície da memória de Fez.
Olhando-a, quantos livros se escreveram,
quantos tratados nasceram
da ciência dos homens,
quantos amores se ocultaram
sob o véu dos temores ancestrais?
Ninguém sabe ao certo.
É uma montanha habitada
pela alma elegante das gazelas,
pelo voo das perdizes,
pelo que resta da bravura dos guerreiros.
Fez reclina-se para ver a montanha
depois da primeira oração da manhã,
e vê nela a confidente e a amante,
o caminho da terra que conduz ao céu.

ENTRO NAS CASAS, SOU DAS CASAS

As mãos mergulham na comida,
não promíscuas mas fraternas,
e trazem na polpa dos dedos
o amargo e o doce
da “pastilla” e do “cous-cous”.
Tornam-se mãos cúmplices,
indivisíveis, com um pacto de afecto.

Eu entro nas casas e sou das casas.
É como se sempre lá tivesse estado.
Nada me faz sentir estrangeiro.
Os doces e os frutos
entram pelo coração da tarde
rematando, fartos, o festim,
e tudo em redor fica impregnado
com o seu cheiro, com o seu gosto.
A minha casa é a tua casa,
a minha mesa a tua mesa.
E passámos nós séculos
a chamar infiéis a quem
apenas cometeu o pecado
de se manter fiel à paixão da dádiva.

AS CRIANÇAS DE FEZ

Por ternura beijam-se as crianças
na boca e nos olhos
como se se quisesse dar-lhes, beijando-as,
tudo o que se evade do tempo dos homens.
As crianças são omnipresentes e soberanas
mesmo as mais pobres,
porque são amadas,
porque nunca estão a mais,
porque são o afecto diluído
nos cabelos, na pele, no olhar.
Não é preciso que a televisão
fale com elas em vez dos adultos.
Elas brincam com a magia
do que são, do que prometem ser.
São as bocas ainda puras
em que a palavra se redime e engrandece,
em que o mundo se explica
quando Fez se vira para o sul
e sente que o vento e a chuva
lhe trazem as lendas do tempo fundador.

A VOZ QUE CONDUZ A MÃO

Talvez outra mão conduza a minha
enquanto escrevo, talvez um poeta antigo
das terras onde fui criança,
Ibn Mucana ou qualquer outro,
me tenha pedido que ajustasse por ele
estas contas com a memória do passado.
Quem pode saber ao certo
o que acontece quando o poema
galopa ao longo da página,
cercado de gatos, gazelas e crianças
a desafiar a memória e o tempo.

Fez alonga o seu corpo
junto ao rio, rente aos laranjais
e torna-se dona de todas as memórias,
artífice de todos os afectos.
A voz que me guia a mão
há-de perguntar aos sábios antigos
que destino é este
que cristaliza no verso como um diamante.

O SONHO DE MOULAY IDRIS II

Cumpriu-se o sonho de Moudray Idris II:
a cidade nasceu e fez um pacto
com a claridade mansa do sul,
povoou-se de mesquitas,
levou por diante a tradição dos almorávidas,
abriu-se ao canto e à escrita,
à ciência dos dias finitos e inquiridores,
e o que foi está escrito
nas páginas da Biblioteca Karauin.
Depois cercou-se de fortalezas
e de laranjais, para se defender
dos invasores, da sede e da fome.
Subiu ao minarete da Medina
e recitou versos do Corão
e fez do labirinto das ruas
uma metáfora da natureza humana:
tudo em nós se enreda e completa,
levando a toda a parte e a parte alguma.
E assim se escreveram mil e uma
histórias em mil e uma noites,
lembrando tudo quanto o homem
imaginou que já sabia, sem o saber.

EM BUSCA DA SALVAÇÃO

Há quem reze e quem chore
junto ao túmulo do fundador da cidade.
Homenageia-se pela oração, num sussurro,
quem assim criou vida e memória.
Há quem venha de muito longe
para ver a obra do rei almorávida.
Os americanos e os japoneses
tudo fotografam, tudo querem saber.
São gente ávida de mundo, de mundos
e a sua memória é um álbum
de retratos para ver em casa.
Alguns aprenderam árabe e ficaram,
nunca mais quiseram partir.
Tê-los-á tocado a asa sábia
de um poeta sufi, iluminando à passagem
a obscuridade das almas.
Tornaram-se parte da paisagem,
perderam os nomes, ficaram anónimos,
subindo e descendo as ruas de Medina
em busca da salvação
que Deus lhes anunciou num instante
[de bondade.

REVELAÇÃO DA ETERNIDADE

Há aqui uma sensualidade táctil
no modo de tocar os alimentos,
de tactear a pele, de sorver a luz.
Fez tem a consistência imaterial dos oásis
e das miragens: existe e não existe.
Está mais na imaginação
do que no tabuleiro tangível do real.
Cresce, moderniza-se, vive,
mas está refém do passado
porque teve a revelação da eternidade,
e dessa revelação ninguém incólume.
É uma cidade e um templo.
Os franceses, quando partiram,
levaram consigo a Europa,
mas deixaram no chão santo das preces
uma visão de espaço e de luz.
A avenida das palmeiras e das oliveiras
tem largura napoleónica
e há raparigas sorrindo nas esquinas
enquanto eu paro para as recordar
na hora em que a lembrança se faz verso.

JOGANDO XADREZ EM FEZ

Fez desenhou nos tectos
toda a maravilha do mundo
com madeira, tinta e estuque.
O tecto está mais perto do céu,
é um passo para ele. Olhar o tecto
é olhar a porta trabalhada
que dá para outra dimensão.

Dois homens jogam xadrez
indiferentes ao cheiro de urina
dos burros e das mulas, aos odores
[das especiarias
um deles vende galinhas,
o outro não vende nada. Ou venderá?
O jogo de xadrez
é uma matemática celeste,
um momento redentor
ante a pequenez sufocante dos dias.
Por cada peça que cai
há mais um patamar que se conquista
no caminho da luz.
Neste jogo, uma manhã em Fez,
não há vencedores nem vencidos
como nas crónicas guerreiras.
Há somente uma vitória:
a da inteligência da alma sobre o garrote
[do tempo.

EM REDOR DA HARIRA

Juntam-se em redor da mesa baixa
para comer a harira,
sopa forte que fecha o jejum do Ramadão.
Sentem a alma limpa e o corpo leve
mesmo os que acreditam em muito pouco.
Há tradições que não se esquecem.
A comida vem à mesa
para reforçar o acto da partilha,
e há um chilreio de pássaros
em redor da casa enquanto falamos.
A Primavera já vem do sul
a caminho das casas e dos olhos
das raparigas que conversam
à porta da universidade. É uma Primavera
salpicada pelas chuvas de Março,
abençoada pelo degelo
das neves da época mais fria.
Acabou-se a harira e fica,
em tudo o resto, o gosto do açafraão
e a cadência de uma fala,
que tem um mundo dentro,
tesouro e sina, até ao fim
da sua vida neste mundo.

SOMBRAS JUNTO AOS CARRIS

Há mendigos acorados junto à linha férrea
enchendo a paisagem, entre Fez e Rabat,
com a mancha escura de uma solidão
que só os cães percebem e partilham.
Hão-de ter tecto e nome, algures.
Muitos serão herdeiros da bravura
das batalhas de outras guerras.
E os campos vão-se tornando lilases
à medida que os dias crescem.
São campos que a vista não abarca,
vazios de pássaros, vazios de vozes.
São os campos da solidão dos mendigos
acorados junto aos carris
das viagens que levam à cidade grande
e outras vezes à emigração.
Alguns regressam à matriz andaluza
de que um dia se exilaram,
guerreiros vencidos no rescaldo da história.
Olham para a terra que fica,
acenam e dizem: "ainda hás-de ter
saudades minhas". É a hora da prece,
e em todas as mesquitas
se pronunciam, à mesma hora, os nomes
de Deus e do seu profeta.
Também há quem reze junto à linha.

AS LUAS DE FEZ

Conto as luas de Fez
com os mesmos dedos que contam
as ondas da maré baixa
e os versos dos poemas inacabados.
Conto as luas de Fez, uma a uma,
como quem conta as lendas
que fazem chegar o sono
à cabeceira dos meninos rebeldes.
São luas brancas e tristes,
são luas de sangue e lembrança,
crescentes, minguantes e cheias,
espelhos nocturnos da grandeza
e da miséria humanas.
Conto as luas de Fez
como quem conta as rugas
no rosto que envelhece
desafiando o sol
para mais um combate
sem quartel sobre as dunas.

COM A ESCRITA DE AMIN MALOUF

Viajo com a escrita sábia de Amin Malouf
pelo dédalo das ruas de Medina,
ao encontro de Leão, o Africano
e de todos os fantasmas que povoam
os livros da imaginação dos homens.
O que encontro eu em Fez
que não encontre nas cidades imaginárias
que há no mapa dos meus versos
assombrados pela sede do longe
embriagados pelo mistério da fala?
Encontro a parte que me falta
na história do que sou e do que fui,
cruzado trazido ao engano
nas naus da perdição do deserto,
soldado da miragem da sede
conquistando baluartes inúteis.
Aqui fala por mim a sabedoria
dos filósofos e dos poetas antigos,
a elegância luminosa das gazelas,
a paciência dos jogadores de xadrez,
o sacrifício dos burros de carga
conquistando o céu em que os animais
não entram por vontade de Deus.

AS MORENAS LANÇAS

Al-Mutanabbi, em “Kafar”,
fala das brancas espadas
e das morenas lanças
e do momento em que o crepúsculo
inunda de desejo o corpo das mulheres.
É um decifrador da fala do vento,
alguém que sabe, sempre soube,
que a cada estrela corresponde um verso
e a cada verso um casulo do firmamento.
Eu sigo o movimento dos peleiros,
dos ourives, dos doceiros
e dos meninos aprendendo em silêncio
os versículos do Corão,
das mãos que tecem a lã
e que tingem o couro.
Haverá quem se perca nas ruas
assombrosas de Medina, para sempre,
para só voltar à vida noutra vida,
à proa de uma lenda
onde uma história de amor,
ajudando os loucos e os leprosos
com a grande humanidade invisível
de quem está no mundo
só para estar com os outros, por amor.

UM ENSAIO PARA A FELICIDADE

Mistura-se a chuva com o pó
e com o cheiro apodrecido das noites
esvaídas pelas valetas até às praças.
Tudo aqui parece infectado,
em quarentena, e todavia
tem luz e sabor de redenção,
tem dimensão de coisa primordial.
Como dizer? Como contar?
Uma rapariga experimenta o diadema
que selará o seu noivado próximo
e sorri-me por trás da cortina.
Sabe que aquele ouro é falso,
que tudo é fingimento e representação,
e contudo está feliz
porque acredita que uma coroa dourada
cingindo os cabelos
faz dela a mulher dos sonhos
que habitam a história da infância.
Também assim se pode ensaiar a felicidade.

UM POETA EM FEZ

Em Fez eu cavaleguei em brados
o cavalo indomado, alado
das primeiras pelejas inventadas,
e fui sultão, califa e vizir,
fui tudo o que o sonho, sempre o sonho,
consente que se seja fora dos livros,
mas dentro dos portais da noite.
Perguntam-me quando volto
e eu não sei responder. Os poetas
nunca sabem quando voltam
porque nunca chegam a partir.
confundem-se com as pedras,
com o saber enfeitado dos tratados,
com a beleza do amanhecer
junto à porta bordada das mesquitas.
Os poetas são o espírito do lugar,
a sua alma, o seu resgate,
porque escrevem o que o tempo
quer que se escreva para se deter
sobre aquilo que persegue a imortalidade.
Em Fez eu fiz aquilo que um poeta
que já se sonhou árabe andaluz
deve fazer; escrevi para não deixar
morrer o que Fez acordou em mim
entre ventos e luas até ser dia: a plenitude
[e o assombro.

VOLTAR A FEZ. PROMESSA BERBÉRE

Descansa, filho, concede-te por favor
o pequeno luxo de uma pausa,
não escrevas tanto que podes ficar
esvaído de palavras, sem nada para dizer,
seco como uma tâmara ou uma uva
das que servem para matar a fome berbere
das tribos do deserto, mais a sul.
Tens razão, mãe, eu vou-me derramar
na escrita como um rio
tão sedento de mar
que secasse antes de atingi-lo.
Eu sei do que falas, eu sei o que sentes.
Eu sigo um caminhante cego
que uma luz interior guia e purifica
e é com ele que descubro as fontes,
os pomares, as adagas e os amuletos,
os perfumes extravagantes e as iguarias.
A varanda do meu quarto dá para a Medina
e eu desperto com aquela mancha fálca
aquietada, imóvel no horizonte dos meus olhos.
Eu hei-de voltar a Fez, um dia, está escrito,
para comer as tâmaras e a harira
e para provar o gosto do afecto
que se mistura com a alegria das mãos
tocando os alimentos como um corpo amante.

O ROSTO BRANCO DE ATAMI

*O verdadeiro viajante nunca
sabe para onde vai.*

Provérbio chinês

TAÇA DE SAKÉ, REVÉRBERO DE LUA

A mão que estende a taça de saké
também é a que oferece, límpida,
a pétala branca do afecto, do orvalho.
Aqui nada se regateia ou se recusa.
Não é o mar que separa as ilhas,
são as ilhas que dão sentido ao mar,
confinando-o à sua dimensão
longínqua e perpétua de deus
cansado de semear distância,
de dilatar mapas contra a vontade
das mãos que afaçam na água
o revérbero fugaz e secreto da lua.

NEVA NO TEMPLO DE KINOMIA

A mão em concha para levar aos lábios
a água purificadora que lava a boca
dos pecados da fala, das tristezas da voz.
Neva sobre o templo de Kinomia,
na manhã luminosa de fevereiro,
neste ano que é do rato
e da felicidade prometida, cobiçada.
Os mortos velam por nós atrás das chamas
das pequenas velas votivas, inquietas,
dos biombos que ocultam a esperança
sussurrante dos peregrinos, em silêncio.
A música dolente do Koto
evoca a paz volátil de outro mundo
que recebe o óbolo dos crentes
e a ânsia dos que não o sendo
encontram no templo o vislumbre de um norte.

UMA VIDA DE CÂNFORA

Uma volta em redor
da velha árvore da cânfora
pode acrescentar uma vida à nossa vida,
outra metade de ar e de fogo
à roda exausta dos nossos dias
minguados de riso, feridos de cansaço.
A cânfora semeia na brisa
o seu odor de terra sagrada,
lança no vento o seu mistério
de aurora eterna, intangível.
Não há imagens para adorar.
Apenas uma: a que o homem
de si mesmo projecta na névoa,
como que se acendesse num espelho
a primeira luz da absolvição dos tempos.

ONDE FLORESCEM AS AMEIXIEIRAS

Florescem as ameixieiras,
indiferentes à miséria do mundo,
com as suas flores pálidas e perfumadas,
com o seu alento de cor terrena
salpicando o azul frio da alvorada.
Duas mulheres encomendam as almas
dos mortos amados ao deus mais benigno
do livro das crenças, e choram
e murmuram preces e votos,
kimono cingido ao corpo magro,
enquanto as vendedeiras,
nas pequenas alamedas do jardim japonês,
imitam, com pequenos pássaros de bambu,
o canto diurno da floresta
onde Bashô adormeceu para sempre
sobre uma colcha de erva e de geada.

OS DEUSES SEGUNDO MESTRE SAWADA

Bom dia, mestre Sawada,
aprendiz e oficiante da sabedoria zen,
em cada uma das tuas peças
talhadas em cânfora, buriladas,
está representado o homem e a sua dor,
está erguido o teatro da alma
com os seus actores serpenteantes e graves
que imitam a tragédia da vida.
Aqui, há uma mulher, sereia e onda,
que conquista ao mar a forma divina
do que não tem nome,
do que não pertence ao mundo.
Ali, está uma deusa sem rosto,
com uma grinalda de braços
para salvar o homem das tentações
que o inebriam e destroçam.
Ensina-me agora, mestre Sawada,
a escrever na madeira ancestral
o meu nome impronunciável e remoto
que sabe a longe e a vertigem.

MENINOS NO CREPÚSCULO DE ATAMI

Há um coro de meninos
que canta em português a palavra mãe
como se abrisse a arca dos mistérios
para revelar o absoluto oiro do que é eterno.
Já vi rostos iguais nos retratos da guerra,
mas estes desenham a paz
em cada sorriso, em cada refrão.

Há um coro de meninos
no crepúsculo de Atami
que pronunciam a bela palavra mãe
como se nomeassem a magia
das coisas infinitas
que se abrigam nas cantigas
para apaziguar o tormento dos homens.

PEIXES DE PRATA E DE ÂMBAR

Nas bancas de madeira das ruas íngremes
o peixe seca ao sol as feridas do mar.
Chama-se “sakaua” na língua
desta pátria contida e garbosa
que fez Wenceslau ancorar em Kobe,
muito para além das saudades da terra.
É um peixe de prata e de âmbar,
e o seu tesouro não se cifra em números,
nem em valores palpáveis, materiais.
Cada peixe que seca ao sol imóvel,
traz no corpo toda a sabedoria do mar.
E ao vê-lo matar a fome dos homens,
apetece dizer: pela boca morre a onda,
pela boca se resgata o verso.

O ROUXINOL QUE CHAMA A PRIMAVERA

O pequeno rouxinol de madeira,
em fingimento de liberdade,
imita o canto que chama a Primavera.
Levo-o à boca e, em vez de assobiar,
dá-me um conselho: teme, irmão,
o canto dissimulado das estações magoadas.
Abre o peito ao vento, ao embalo da brisa
que vem das bandas de Fujiama
e toma a rota branca dos sentidos,
por ser a única que sabe de cor
as sílabas da palavra felicidade.

BASHÔ E OS DOIS SAMURAI

Os meninos fazem uma roda
para escutarem uma história inventada
em que entra o poeta Bashô
e dois samurais, senhores da guerra,
que nada sabem do sortilégio do verso.
Há um haiku soletrado, contido
em cada instante da fala
partilhada como uma oferenda,
repartida como uma herança do céu.
Os meninos sabem, embora o não digam,
que cada palavra é um brinquedo
capaz de fazer da infância
uma ave suspensa na vertigem das alturas,
lá onde o sol faz caretas à lua.

O FALCÃO E OS NOIVOS DA AURORA

Voa, pequeno falcão peregrino,
nos teus sábios círculos de senhor das nuvens,
e mergulha nestas águas mansas
do Mar do Japão, para colheres o peixe
que mitiga a fome das crias.
Se pudesses pousar-me no punho,
não domesticado mas somente amigo,
havia de ensinar-te uma canção
para ires cantar aos meus filhos
durante o sono, durante a noite.
E ela havia de dizer muito mais
do que eu sei dizer no que escrevo.
Havia de ser uma velha canção
de pescadores abrigados do temporal,
a escreverem à margem dos mapas
o último desejo dos náufragos,
a primeira vontade dos noivos da aurora.

UM BONSAI CHAMADO LUA

Fazer da árvore uma miniatura de árvore,
fazer da pétala uma gota de luz
evaporada, sorvida pela boca do vento.
Deixar que o bonsai rodopie, mansamente,
para receber a dádiva do sol,
e dar-lhe nome de planeta,
Lua, Saturno, Vénus ou Marte,
para que o pinheiro ou o plátano,
na sua pequenez imposta,
se agigante e ascenda ao patamar do universo,
com o seu aroma de seiva, tão doce,
com o seu verde de terra, tão verde,
e proclame o direito de ser grande
quando há grandeza nos olhos
que lhe cobiçam a harmonia.

O TRADUTOR E A CEREJEIRA

Deixou na pedra, à despedida,
o senhor Shoyo Tsubouchi, quatro versos
que falam da neve do Fujjama,
da Primavera, da vida e da morte.
Um dia encontrou-se com Shakespeare, em livro,
e traduziu para japonês, artífice do verso,
o seu imenso teatro do mundo. Bendito.
Agora lembram-no junto de uma cascata,
na vizinhança da água corrente,
sob os ramos das cerejeiras, brancas, altivas.
Quando um poeta empresta o idioma
a outro poeta, ganha o céu das palavras,
e só morre se a lembrança deixar.
O senhor Shoyo Tsubouchi, de Atami,
está sepultado, e em paz,
numa nuvem com aroma de cânfora,
num recanto de água com pedaços de neve.

O BIOMBO DAS AMEIXIEIRAS

Sábia e sofrida mão, serena,
a que pintou uma ameixeira, em tons de ouro,
sobre o biombo que anuncia a Primavera.
Pelo meio corre um rio
que arrasta a neve e esconjura a sombra.
É um rio que vem das montanhas
e traz, na pureza das águas,
uma promessa de eternidade, um soluço
de cascata deslizando pela pedra.
Vieram as guerras e as fúrias do homem
e o limbo abrigou-se em arcas de esquecimento
para poder continuar a fazer
anúncios de Primavera no tempo branco
da reconciliação e do degelo.

SÍSIFO DE PAPEL DE ARROZ

Constroem a casa com paciência de artistas
e sobre o soalho de cedro japonês
pedem que entremos com a quietude
dos visitantes nocturnos, impalpáveis.
No centro da mesa estão os pincéis
e o pequeno recipiente de tinta da China.
Pedem-nos que escrevamos os nossos nomes
com a delicadeza dos pintores,
e a nossa caligrafia hesitante e trémula
torna-se pintura, conversa com os deuses.
Passeamos pelo meio das camélias
e das ameixoeiras, sentindo a grande paz
de quem contempla montanhas
para compreender o destino do homem,
Sísifo de papel de arroz
a desafiar tempestades e vulcões
para honrar a sua condição de deus menor
e consigo mesmo desavindo.

SOB A MÁSCARA NÔ

Dentro da vitrine das máscaras Nô
mil vezes encontro o meu rosto
e mil vezes o perco para não me perder
do que resta de mim neste teatro
que é dos homens e é das divindades.
Umam riem, outros choram,
outras ainda contraem-se num esgar
que é de medo ou de revolta.
São as máscaras antigas da tragédia
que fala dos espíritos e das suas desventuras.
Estou escondido atrás das máscaras,
actor de todos os mistérios da fala
e o meu nome escreve-se
com a caligrafia sonolenta impronunciável
de quem veio do mar pelas rotas do céu.

A PONTE DOS ESPÍRITOS

Os actores entram pela pequena ponte lateral
com os estreitos passos de quem vem
do lado da alma, céu ou inferno
de todas as memórias da escrita.
Envolvem-nos na melopeia das suas queixas
ou na teia densa do seu riso.
Trazem o Oriente na voz
e a quimera da salvação nos gestos.
Nada sabem acerca de quem os vê,
a não ser o rosto, a não ser a luz
enganadora que ofusca o olhar.
Uma música os deixa reféns
do sentido último do silêncio. Calam-se.
O êxtase é o que fica depois do choro,
o que sobra depois do murmúrio,
o que resiste depois do grito.
Mishima morreu decapitado, em Tóquio,
para dar modernidade à tragédia
de um palco onde os espíritos ressuscitam.

PEDIDO AO MONTE FUJI

Alonga-te, Monte Fuji, até tocares o céu
com o teu pico de neve, esguio, imenso,
e se porventura ouvires pronunciar
o meu nome remoto e esquivo
na antecâmara de nuvens
que precede a vertigem do infinito,
chama-me com a tua voz soberana
de patriarca e deus
e diz-me que a natureza
é o único altar onde o sagrado se cumpre.

O PINHEIRO DO PALCO DOS DEUSES

No palco de madeira de cedro
há um pinheiro desenhado,
anfitrião dos deuses
na noite do teatro dos sons.
Na tua copa pintada
há uma silhueta altiva
que pede aos actores
recolhimento e reverência.
Que ninguém ouse olhar nos olhos
o que chega de tão alto.
Fixos no palco, os olhos dos actores
ganham, por fim, a dimensão da terra.

COM A DELICADEZA DAS PÉTALAS

Ajoelhas-te na minha frente
com a delicadeza das pétalas
tocadas pela magia do luar
e ensinas-me a usar a chávena
onde o chá verde
é presságio e mistério.
Atrás do biombo, na névoa da manhã,
parece-me vislumbrar o marinheiro de Kobe,
o ancião Wenceslau de Moraes,
com o seu quimono de flores carmesim.
É a hora do ritual do chá.
Eu bebo para lembrar, tu para esquecer.
Volto na tua direcção
a flor desenhada na porcelana
e limpo os lábios com o pano húmido
do amanhecer dos dias.
O desejo é uma serpente adormecida
sobre o Tatami do sono dos adivinhos.

TERRACOTA DE HANIWA

Com a terracota de Haniwa
se moldaram os budas,
se ergueram da terra os grandes vasos
do cereal, da água e do vinho.
Se um buda promete felicidade,
o outro anuncia a tristeza da chuva.
Faço ecoar a minha voz
num recipiente antigo
e o que o eco me traz de volta
não sou eu a falar,
mas a memória ancestral e líquida
que me inunda a fala,
grande rio da euforia dos peixes.

A CHUVA E O CRISÂNTEMO

A chuva não mata o crisântemo
como o esquecimento não mata a saudade.
Um monge contempla no curso do rio
o fio da sua vida sem descanso.
Caligrafando o seu nome no linho branco
desenha na névoa o rosto ancestral
do que amou e não esqueceu. Escrevem-se.
Partilhamos o chá como quem partilha
a brisa fugaz de uma estação sem tempo
nos mapas ou nos dias. Hoje e sempre.

UMA LENDA DE HAKONE

Quem abriu na montanha uma clareira
para receber em Agosto a visita dos espíritos
também abriu as portas do céu e do inferno,
escancarando-as para o infinito.
Vestiu depois o quimono de tons claros
e acendeu a fogueira da despedida.
Passaram os meses e os anos,
serviu o chá e caligrafou as palavras
da amizade, do sonho e da morte.
Ninguém voltou a vê-lo na estação luminosa
dos frutos e das flores brancas.
Ergueu-se na clareira da montanha,
espírito alado sobre um trono de neve.

CEM POEMAS DE CEM PESSOAS

Há muitos anos, Sadaiye Fugiwara
recolheu cem poemas de cem pessoas,
cantando o mar e o céu,
a cerejeira e a neve,
o desejo e a morte.
Serviu a lua numa bandeja de laca
e comeu o peixe da maré nocturna.
Nasceu um livro tão sábio
como a sabedoria dos astros.
Abro-o ao acaso e encontro-me nele
como no ventre de que nasci
para desafiar o universo, num verso
de querer saber o mundo.

AS ILHAS SUSPENSAS DO AR

Quando neva em Atami
as ilhas parecem suspensas do ar,
pairando sobre as águas
como silhuetas de assombro.
O saké ilumina a visão, não a duplica,
e sublinha com traço firme e grosso
a grata palavra amizade, ténue, eterna.
Atrás da máscara Nô, na sua sombra,
há um homem com voz de mulher
abrindo as portas ao mistério da noite.

QUANDO AS AVES DE MAIO

Tudo é perecível e vago
quando o tempo se evade de nós,
quando a vida se veste de cinza
e busca nas ilhas a paz que a mitigue.
Despeço-me com uma vénia
da branca terra mansa
onde se plantam cerejeiras
para antecipar o júbilo da Primavera.
Quando as aves de maio
chegaram a Atami
encontraram ramos largos, em flor,
sobre a sombra jazenta dos amantes.

AS ILHAS DE BRUMA

Desço pelas alamedas que levam
até ao areal os passos errantes
do leitor dos poetas antigos
que se interroga sobre a existência,
sobre o reflexo da chuva
no espelho das noites.

Se soubesse remar ou velejar,
demandaria as ilhas de bruma
onde os pássaros fazem ninho
e os olhos buscam a trégua
que os purifique para a viagem.

SEMPRE O FASCÍNIO DA MÁSCARA

Ainda e sempre o fascínio da máscara,
o olhar perscrutador que quer passar
além da fronteira de sombra que o protege.
“Sotoba Komachi” traz para cena
o mundo imaterial dos espíritos
e a eternidade volátil dos amantes.
Acordo com a cabeça cheia de mar
e sou o teatro dilacerante
de todos os temores que esta terra adia,
zen da magia das horas.

ORIGAMIS, NAVEGANTES DA LUZ

A mão é mágica e ávida de cor
e trabalha o papel como outras mãos
moldam o barro ou misturam as tintas.
E nascem patos, pinguins, escaravelhos,
num mundo de papel, infinito,
que é também o do delírio infantil
das formas que engrandecem a infância.
Os oriamis também são estrelas do mar
e armaduras de guerreiros,
peixes, búzios e barcos sem destino.
Navegam na luz dos meus olhos
com uma embriaguez de cor
que exalta e faz sorrir.

IMPERADORES DE PORCELANA

São de porcelana pintada
os imperadores antigos, inventados
em tons de ocre e oiro.
Ninguém lhes deu nome,
ninguém lhes deu voz. Não podia dar.
Pertencem à dinastia dos brinquedos
que a memória guardou nos livros
para neles viverem para além dos dias.
Estão numa montra iluminada,
soberanos da grandeza dos palácios
que o fumo do entardecer
desfaz no ar como uma serpentina de luz.

EU HEI-DE VOLTAR UM DIA

Eu hei-de voltar um dia, prometo,
menina intérprete da minha fala
estrangeira e sorridente.
Desembarcarei em qualquer
Tanagushima ou em Kobe,
para cumprimentar o velho Wenceslau,
ou para tecer, com artifícios de afecto,
o impossível amor que faz ancorar
os marinheiros nos portos irrealis
do seu navegante e insaciável desnorte.
Eu hei-de voltar um dia, prometo,
com um livro acabado
sobre a cidade de rosto branco
que a neve de Fevereiro purificou.
Encontra agora o conceito certo
para cada palavra esquiva, mutante,
minha menina intérprete,
corpo errante e esquivo na deriva das ilhas.
Quando as cerejeiras florirem de novo,
tirarei a máscara de todos os teatros
e montarei o palco na montanha alta
da inquieta paixão dos olhos. Prometo.

ÍNDICE

Antoações de um percurso por <i>Lugares Cativos</i> , por Maria do Céu Fialho	5
OS LUGARES CATIVOS	11
À LUZ DO MISTÉRIO GREGO	15
A SOMBRA ATRÁS DA LUZ	19
O PEQUENO LUME DA PAIXÃO	20
A FLOR INCANDESCENTE DE UM VERSO	21
ILHAS NO TUMULTO DA LEMBRANÇA	22
JÁ NÃO SÃO OS BARCOS QUE PARTEM	23
DAS SUAS BOCAS NASCE UM TEATRO	24
ALGURES NO ÉGEU	25
CAPÍTULO SEM NOME	26
PARA QUE EU POSSA QUERER	27
COMO SE UMA COLCHA DE LUA	28
O QUE TRADUZ, TRADUZ-SE	29
AMANHÃ SERÁ OUTRO DIA	30
AS QUATRO CASAS DA LUA NOVA	31
NO REGAÇO DE UMA FRASE	32
SOBRE UM TÚMULO MACEDÓNIO	33
MENSAGEM PARA ARIADNE	34
QUANDO ME COMOVO E CONFESSO	35
CONFUNDO-ME COM OS MEMORIAIS	36
COMO OS AMANTES, NOS RETRATOS	37
ONDE ANTES HOUVE DEUSES	38
O VOLÁTIL INSTANTE DA ALEGRIA	39
É O DESTINO	40
PEIXE, GAIVOTA OU LUA	41
A CONFRARIA CIRCULAR DOS ESCREVEDORES	42

LUAS DE FEZ	43
OS CHAMAMENTOS DA LUA	47
OS BURRINHOS DA MEDINA	48
O SABOR DOS PRATOS NOCTURNOS	49
A LUA BERBERE DE FEZ	50
A TEIA ANDALUZA DE FEZ	51
IMITANDO A GRANADA DE LORCA	52
SOBRE OS GATOS DE FEZ	53
PERSEGUINDO AVICENA	54
OS DIAS DE FEZ	55
A ÁGUA DA MIRAGEM DOS OLHOS	56
DÉDALO DE CHEIROS	57
COMO NOS LIVROS E NAS GUERRAS	58
O JUDEU E O ÁRABA	59
HÁ CIDADES ASSIM	60
A ALMA DAS GAZELAS	61
ENTRO NAS CASAS, SOU DAS CASAS	62
AS CRIANÇAS DE FEZ	63
A VOZ QUE CONDUZ A MÃO	64
O SONHO DE MOULAY IDRIS II	65
EM BUSCA DA SALVAÇÃO	66
REVELAÇÃO DA ETERNIDADE	67
JOGANDO XADREZ EM FEZ	68
EM REDOR DA HARIRA	69
SOMBRAS JUNTO AOS CARRIS	70
AS LUAS DE FEZ	71
COM A ESCRITA DE AMIR MALOUF	72
AS MORENAS LANÇAS	73
UM ENSAIO PARA A FELICIDADE	74
UM POETA EM FEZ	75
VOLTAR A FEZ, PROMESSA BEBÉRE	76

O ROSTO BRANCO DE ATAMI

77

TAÇA DE SAKÉ, REVÉRBERO DE LUA	81
NEVA NO TEMPLO DE KINOMIA	82
UMA VIDA DE CÂNFORA	83
ONDE FLORESCEM AS AMEIXIEIRAS	84
OS DEUSES SEGUNDO MESTRE SAWADA	85
MENINOS NO CREPÚSCULO DE ATAMI	86
PEIXES DE PRATA E DE ÂMBAR	87
O ROUXINOL QUE CHAMA A PRIMAVERA	88
BASHÔ E OS DOIS SAMURAI	89
O FALCÃO E OS NOIVOS DA AURORA	90
UM BONSAI CHAMADO LUA	91
O TRADUTOR E A CEREJEIRA	92
O BIOMBO DAS AMEIXIEIRAS	93
SÍSIFO DE PAPEL DE ARROZ	94
SOB A MÁSCARA DE NÔ	95
A PONTE DOS ESPÍRITOS	96
PEDIDO AO MAR DE FUJI	97
O PINHEIRO DO PALCO DOS DEUSES	98
COM A DELICADEZA DAS PÉTALAS	99
TERRACOTA DE HANIWA	100
A CHUVA E O CRISÂNTEMO	101
UMA LENDA DE HAKONE	102
CEM POEMAS DE CEM PESSOAS	103
AS ILHAS SUSPENSAS DO AR	104
QUANDO AS AVES DE MAIO	105
AS ILHAS DE BRUMA	106
SEMPRE O FASCÍNIO DA MÁSCARA	107
ORIGAMIS, NAVEGANTES DA LUZ	108
IMPERADORES DE PORCELANA	109
EU HEI-DE VOLTAR UM DIA	110

